



ETNOICTIOLOGIA DE PESCADORES ARTESANAIS DA PRAIA AO SONO, PARATY, RJ

Aline Melo de Abreu*

Douglas Francisco Marcolino Gherardi

¹Universidade do Vale do Paraíba (Av Shishima Hifumi, 2911, Urbanova, São José dos Campos - SP),

²Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Av dos Astronautas, 1758, Jd da Granja, São José dos Campos - SP) *E - mail:aline_dede@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A atividade pesqueira de pequena escala, ou artesanal, realizada pelas populações humanas litorâneas é essencial para a sua subsistência e sua identidade social e política. Portanto, é de se supor que estes pescadores apresentem um conhecimento peculiar em relação à ictiofauna que exploram. Estudos sobre o conhecimento popular em comunidades pesqueiras fornecem informações sobre as interações que os grupos sociais mantêm com os ecossistemas aquáticos. A etnoictiologia busca registrar os conhecimentos de comunidades relacionadas com a pesca constituindo subsídios para a elaboração de planos de manejo que contemplem tanto o ambiente como as populações locais (Mourão e Nordi, 2003). Pode - se considerar que, além da pesca artesanal fornecer alimento para milhares de pessoas, sua prática possibilita também a permanência dessas populações nos seus territórios de origem.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem dois propósitos: 1) estudar as condições socioeconômicas e o conhecimento ecológico local dos pescadores da praia do Sono, localizada em Paraty, litoral Sul do Rio de Janeiro, e 2) diagnosticar o nível de informação dos pescadores em relação aos diferentes aspectos ecológicos dos recursos pesqueiros.

MATERIAL E MÉTODOS

A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, observação direta, registro gravado e fotografado. A análise dos dados obtidos nas entrevistas e observações foi feita através da interpretação do discurso dos entrevistados, o que permitiu construir guias e tabelas de informações sobre o conhecimento ecológico local, bem como realizar uma análise comparativa destes dados com os apresentados em outros trabalhos da literatura.

RESULTADOS

Os pescadores entrevistados têm, em média 44 anos, (variando de 24 a 78 anos) e nenhum deles vive exclusivamente da pesca. Apesar disso, 54% dos entrevistados tem na pesca a sua principal fonte de renda, sendo que destes, 50% já estão aposentados. Os outros 45%, além de pescar, citaram atividades ligadas ao turismo, como transporte marítimo (40%), e donos de restaurantes na orla (20%), além do serviço de caseiro (40%) em casas de veraneio como incremento de renda. Os resultados sugerem que a pesca artesanal estaria ameaçada enquanto atividade econômica e cultural, uma vez que a população passou a ter em outras atividades o seu meio de subsistência. Entretanto, 44% dos entrevistados disseram não haver influência do turismo para a pesca artesanal na comunidade. A maioria dos pescadores que percebem a influência do turismo, somente apontou vantagens. Afirmam que o pescado ficou mais fácil de vender, uma vez que houve um aumento no con-

sumo. Apenas um entrevistado apontou uma desvantagem dizendo que o turismo aumenta a quantidade de lixo e que os turistas não preservam a natureza local. Os resultados também mostraram que a maioria dos pescadores da praia do Sono (81% do total de 11 pescadores entrevistados) nasceu na própria comunidade, sendo que os conhecimentos sobre as práticas e uso dos recursos naturais são transmitidos entre as gerações. Através da pesca artesanal os pescadores exploram o ambiente aquático de forma peculiar e mantêm grande diversidade de interações diretas com o ambiente. Os pescadores estão em média há 26 anos na atividade e todos são proprietários do próprio barco utilizado na pesca, sendo que alguns (36%) possuem mais de uma embarcação. Foram registradas 11 canoas a remo e oito botes com motor de popa. Estes botes também são utilizados no transporte de turistas. O cerco flutuante constitui a principal técnica adotada para a captura e os pescados são destinados à comercialização e subsistência. São unânimes em afirmar que algumas épocas têm mais pescaria que outras. De acordo com os entrevistados, geralmente no verão (novembro a maio) há maior abundância de pescado devido à temperatura da água estar mais quente; outros dizem ser mais fácil de trabalhar, uma vez que o mar está mais calmo e não tem tanta frente fria. Grande parte afirmou somente que “é tempo do peixe correr”, ou então que “o peixe vem pra terra atrás de comida”. Os pescados explorados são, predominantemente, os pelágicos, que percorrem grandes distâncias e são chamados de peixes que

vêm de fora. Dezoito espécies de peixes foram citadas como as mais capturadas sendo que nove possuem maior importância econômica e alimentar.

CONCLUSÃO

Os pescadores demonstraram um detalhado conhecimento sobre os aspectos ecológicos das espécies que capturam, principalmente em relação à alimentação, hábitat e formação de cardume. Constatou-se uma elevada concordância entre o conhecimento popular e o conhecimento científico, proporcionando assim mais uma contribuição para discussão das relações entre biodiversidade e diversidade cultural. Assim, relações ecológicas desconhecidas para a comunidade científica podem ser registradas a partir de experiências relatadas pelos pescadores. Adicionalmente, este tipo de conhecimento pode inspirar novas linhas de pesquisa e auxiliar no desenvolvimento de políticas de manejo condizentes com o modo de vida das populações de pescadores. É preciso que o Poder Público trabalhe para a diminuição dos conflitos declarados pela comunidade, melhorando a sua articulação e comunicação com os pescadores.

REFERÊNCIAS

MOURÃO, J. S.; NORDI, N. Etnoictiologia de pescadores artesanais do estuário do rio Mamanguape, Paraíba, Brasil. B. Inst. Pesca, São Paulo, 29. 2003.